



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS**

NATÁLIA DA SILVA NOGUEIRA

**NÍSIA FLORESTA: A VOZ TRANSGRESSORA DA MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E O SEU NACIONALISMO EXPRESSO NA OBRA
“A LÁGRIMA DE UM CAETÉ”**

**GUARABIRA
2018**

NATÁLIA DA SILVA NOGUEIRA

**NÍSIA FLORESTA: A VOZ TRANSGRESSORA DA MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E O SEU NACIONALISMO EXPRESSO NA OBRA
“A LÁGRIMA DE UM CAETÉ”**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciada em Letras habilitação em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e
Imaginário.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2018**

N778n Nogueira, Natalia da Silva.

Nísia Floresta: [manuscrito] : a voz transgressora da mulher na literatura brasileira do século XIX e o seu nacionalismo expresso na obra " A lágrima de um Caeté" / Natalia da Silva Nogueira. - 2018.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Nísia Floresta . 2. Indianista. 3. Classe feminina.

21. ed. CDD 801.95

NATÁLIA DA SILVA NOGUEIRA

NÍSIA FLORESTA: A VOZ TRANSGRESSORA DA MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E O SEU NACIONALISMO EXPRESSO NA OBRA “A
LÁGRIMA DE UM CAETÉ”

Artigo, apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Imaginário.

Aprovada em: 11 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Cláudia Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Caio Antônio de Medeiros Nóbrega Nunes Gomes
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A Deus primeiramente pois nas horas mais difíceis ,não deixou que eu fraquejasse, aos meus pais, meus filhos e marido,ao meu professor e orientador ,pela sua competência ,humildade humana ,atenção ,caridade , paciência ,aos meus colegas de turmas,em fim, todos contribuíram nessa minha trajetória

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por ter me dado saúde, força e sabedoria, para que eu batalhe por meus objetivos e sonhos, por estar sempre ao meu lado, por me amar incondicionalmente, por nas horas das aflições está sempre comigo me encorajando a seguir sempre em frente, e pela concretização deste sonho.

A meu orientador, Rafael Francisco Braz, por ter me ajudado na realização desse sonho, me fornecendo seus livros, para me auxiliar na construção desse trabalho, por toda dedicação, carinho, atenção, paciência, e por todo conhecimento a mim repassado nas orientações e em sala de aula, e a todos os professores do curso de Letras que fizeram parte da minha formação acadêmica, me passando todo o conhecimento para que eu cresça profissionalmente e humanamente.

Aos meus pais, Francisco e Vera Lúcia, pois, apesar de todas as dificuldades sempre fizeram o possível para que eu e minhas irmãs estudássemos.

As minhas irmãs, Natacia e Nataline que nunca mediram esforços para me ajudarem.

Aos meus filhos, Ana Beatriz, Ana Clara e Mateus, pois eles são minha motivação para enfrentar todas as dificuldades e buscar sempre o melhor, seja na vida profissional, seja quanto pessoa.

Ao meu marido e pai dos meus filhos, Vital, pela ajuda e incentivo diário para que eu concluísse essa conquista em minha vida.

Aos meus colegas de turmas, de transporte, funcionários da instituição, UEPB-Campus III-Guarabira, em fim a todos que torceram por mim.

ESTROFE CXXXIV (*A lágrima de um
Caeté*)

-“ Deus, que uma raça não fez
Para sobre as outras ter
Revoltante primazia,
Ilimitado poder!

Nísia Floresta

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	CRÍTICA FEMINISTA:TERRENO SELVAGEM	12
3	NÍSIA FLORESTA:A PIONEIRA DO FEMINISMO NO BRASIL.....	14
4	A ÓTICA INDIANISTA DE NÍSIA FLORESTA E O SEU NACIONALISMO EXPRESSO NA OBRA A LÁGRIMA DE UM CAETÉ.....	16
5	CONCLUSÃO	19
	REFERÊNCIAS	21

**NÍSIA FLORESTA: A VOZ TRANSGRESSORA DA MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX E O SEU NACIONALISMO EXPRESSO NA OBRA
“A LÁGRIMA DE UM CAETÉ”**

Natália da Silva Nogueira*

RESUMO

A literatura ao longo dos séculos, possibilita, o resgate do cotidiano da humanidade, dentro de um determinado contexto temporal e, ao mesmo tempo, espacial, que proporcionou ao leitor uma diversidade de conhecimentos, princípios e ideologias defendidos pelas pessoas ao galgar uma direção de valores sociais e culturais existente na sociedade. Na grande maioria das obras de Nísia Floresta, percebemos o seu ideal social e ideológico em defesa das classes oprimidas de sua época, a classe feminina, índios e escravos. O poema *A Lágrima de um Caeté* foi uma de suas obras que mais se destacou no Brasil (1849), assim, o objeto de análise desse Artigo de Conclusão de Curso, no entanto não se pode negar a importâncias das demais obras, com uma visão especial para a inclusão das mulheres na cultura letrada. Este estudo se caracteriza como sendo uma pesquisa de cunho literário/analítico e bibliográfica, subsidiada sobre as teorias Scott (2008), Zolin (2005), Ramalho (2003) e Reis (2003). A análise nos mostra que *A Lágrima de um Caeté*, embasado em uma perspectiva histórica, possui uma abordagem indianista, capaz de comover o leitor com suas abordagens densas e firmes, acerca dos conflitos vivenciados pelos índios, na busca pela vida, liberdade e ideais. O viver é colocado no texto como o maior bem e concebe à ideia de travar uma luta pela sobrevivência, a todo custo. Porém, é uma luta desigual, capaz de transtornar o índio, que zela pela existência, com todas as suas forças.

Palavras-chave: Nísia Floresta. Indianista. Classe feminina.

1 INTRODUÇÃO

A literatura ao longo dos séculos, possibilita, o resgate do cotidiano da humanidade, dentro de um determinado contexto temporal e, ao mesmo tempo, espacial, que proporcionou ao leitor uma diversidade de conhecimentos, princípios e ideologias defendidos pelas pessoas ao galgar uma direção de valores sociais e culturais existente na sociedade.

Com o surgimento gênero lírico, principalmente, gênero textual poema, várias das experiências humanas, seja elas trágicas, dolorosas e sofridas puderam ser transformadas em expressões literárias metafóricas. O poder das palavras, manifestam-se, assim, na literatura, pois a mesma nos ajuda a organizar a nossa subjetividade, embora essa permaneça sempre indecifrável.

* Aluna de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: n.silva.nogueira@bol.com.br

É nessa descoberta do outro, no encontro com personagens, que sentem e passam pelos mesmos problemas e conflitos existenciais, os quais se assimile com os que o leitor deva estar passando, uma vez que o ser humano busca encontrar mecanismos no sentido de os auxiliarem refletir sobre suas próprias condições existenciais.

Partindo desta perspectiva, construímos nossa personalidade baseando-nos naquilo que a sociedade nos impõe e nos faz crer e que seja a forma mais adequada de ser, de agir, ou seja, de existir socialmente, assim quando criança, e nesse imaginário infantil encontramos um mundo “pronto” e imutável.

No intuito de sermos aceitos por este modelo de sociedade que predomina sobre o indivíduo, muitas vezes anulamos dentro de nós, particularidades da nossa personalidade, por serem marginalizadas pela mesma, sendo ceifado o direito de caminhar para a autonomia, e progresso pessoal, tudo isso com a finalidade de igualarmos nossa personalidade com as demandas sociais.

Fugir a esses padrões significa mudar os modos de lidar consigo e com os outros, mais é, também, lutarmos por uma identidade própria, coisa que poucos tem coragem de fazer, visto que muitas pessoas, mesmo insatisfeitas com esta “educação adaptadora” dos padrões adquiridos, só conseguem reproduzir os mesmos modelos de comportamento, resignando-se aos ditos padrões normais, justificando suas frustrações por não conseguirem realizar o que almejam .

A necessidade de construímos nossa identidade própria e fugirmos dos estereótipos socialmente construídos sobre o que é de particularidade do gênero masculino e de particularidade do gênero feminino, essa questão tem sido bastante instigadora do gênero feminino, desde o século passado até os dias atuais. Esta busca acabou acarretando várias fases no processo de evolução e de representação dos papéis por elas desempenhados e adotados ao longo da história.

A arte da literatura tem dentre tantas outras características, o poder de expressar através das palavras, sentimentos, sensações e forças, capazes de exercer uma função político-social ativa e transformadora em nossa sociedade.

O movimento feminista foi a representação da busca pelos direitos e por uma identidade própria, por parte do gênero feminino. Através do movimento feminista e das reivindicações de igualdade entre homens e mulheres e com sua crítica a sociedade patriarcal burguesa, a mulher foi conseguindo, gradativamente, realizar grandes mudanças nos padrões de conduta social, adquirindo um novo papel na sociedade, o que tornou as diferenças entre os sexos cada vez menos perceptíveis, seja no trabalho, seja na vida cotidiana e mais ainda na

cultura letrada.

Na referida pesquisa, buscou-se, evidenciar, a importância da autora feminista multifacetada, atuante como, ensaísta, escritora, educadora, tradutora e jornalista, defendendo, as causas feministas, abolicionistas, nacionalista, republicanas e indianista, Nísia Floresta, sua voz transgressora e petulante em uma época onde a figura social feminina era voltada basicamente para, procriação da família e servas dos seus senhores, ou seja, viver as sombras do modo de vida da sociedade patriarcal.

Sua importância para a crítica literária feminina do Brasil, com um olhar específico para o poema épico indianista e nacionalista, *A lágrima de um caeté*, as causas sociais abordadas na obra, e a ótica indianista diferenciada das demais vozes românticas que escreveram sobre os nativos do Brasil.

Em 1849, é publicado no Rio de Janeiro o poema *A lágrima de um Caeté*, sob o pseudônimo de Telesila, no jornal do comércio, de 25 de maio deste ano. O poema se concretizou como uma das principais obras de Floresta, pois aborda temáticas importantes para a época de sua publicação, uma delas é a Revolução Praieira em Pernambuco[†] envolvendo os republicanos e índios .

Na grande maioria das obras de Floresta, percebemos o seu ideal social e ideológico em defesa das classes oprimidas de sua época, a classe feminina, índios e escravos. O poema *A Lágrima de um Caeté* foi uma de suas obras que mais se destacou no Brasil (1849), assim, o objeto de análise desse Artigo de Conclusão de Curso, no entanto não se pode negar a importância das demais obras, com uma visão especial para a inclusão das mulheres na cultura letrada.

Portanto, temos como objetivos específicos desse artigo: a-) evidenciar o papel da autoria feminina de Nísia Floresta, na crítica literária do Brasil no século XIX; b-) abordar os fatos do não reconhecimento da autora Nísia Floresta pelo Cânone literário brasileiro; c-) analisar o poema *A lágrima de um Caeté* e sua importância para a sociedade tanto da época, quanto à atual e sua ótica nacionalista diferenciada para os índios.

Este estudo se caracteriza como sendo uma pesquisa de cunho literário/analítico e bibliográfica, subsidiada sobre as teorias feminista de Joan Scott (2008), Maria Ozana Zolin

[†] A Revolução Praieira, foi uma revolta de caráter liberal e federalista, considerada a última revolta do período colonial, entre os anos de 1848 e 1849, tendo como cenário a província de Pernambuco, dois partidos estavam a frente dos movimentos, os Conservadores e os Liberais ou (Praieiros) mais não se caracterizou apenas como uma revolução política, mais também, uma queixa da população contra as tristes condições socio-econômica gerada pelo sistema de colonização em que vivia o país na época., MATOS, Odilon Nogueira de. **Algumas observações sobre a Revolução Praieira**. [Artigo online]. Disponível em < <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/34822/37560> > acessado em 29 de mai 2018 às 19:08.

(2005) e de resgate de teoria feminista por Christina Ramalho (2003) e o papel do Cânon literário por Roberto Reis (2003).

Nosso trabalho está fragmentado em três momentos para melhor compreensão do leitor:

No primeiro momento, fazemos um apporto geral da crítica literária feminista, debatendo as dificuldades enfrentada pelas mulheres que adentraram para o ramo da escrita literária;

No segundo momento, é exposto um breve texto sobre a vida e obra da escritora Nísia Floresta, suas principais obras e suas causas defendidas .

No terceiro e, último momento, é feito uma abordagem da obra indianista *A lágrima de um Caeté*, suas críticas sociais e uma pequena análise literária do mesmo.

A presente pesquisa tem a finalidade de corroborar para o reconhecimento da autora, Nísia Floresta e de sua importância, principalmente, para as classes, feminina, índios e escravos e da importância de sua obra *A lágrima de um Caeté*.

2 A CRÍTICA FEMINISTA: UM TERRENO SELVAGEM

A crítica literária feminista surgiu por volta dos anos de 1970, no final do século XIX com o objetivo de desconstruir o paradigma homem /mulher, assim, duas correntes da crítica feminista ganharam destaque nesse primeiro momento a francesa e anglo-americana. Para tanto, ambas lutavam pelo rompimento dos dogmas da crítica literária masculina que fazia aversão as mulheres no campo literário.

Considerada a primeira ativista Kate Millet, publicou nos Estados Unidos, seu país de origem, uma tese de doutorado intitulada de *Sexual Politics*, uma obra de grande relevância para a crítica literária questionando práticas políticas, sociais e culturais, excludentes e preconceituosas ,reivindicando direitos das mulheres leitoras e escritoras . Conforme o pensamento de Zolin (2005),

Como consequência dessa primeira onda do feminismo, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão até então eminentemente masculina; mesmo que para isso tinham tido que se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações a seus romances ,motivadas por esse “detalhe” referente a autoria. (ZOLIN, 2005, p. 185).

O movimento da crítica literária feminista foi de alta valia para a categoria, pois grandes autoras tiveram suas obras publicadas mesmo com pseudônimos masculinos a

exemplo de George Eliot, pseudônimo da Mary Ann Evans, autora de *The Mill on the Floss* e *de Middlemarch*, Georg Sandd, pseudônimo da francesa Amandine Aurori Lucile Dupin, autora de *Valentine* e Dionísia Gonçalves Pinto, pseudônimo da brasileira Nísia Floresta, obra *Direito das Mulheres e injustiça dos homens* entre outras. Outras escreveram em sua própria autoria como a inglesa Charlotte Brontë, autora de *Shirley* e *Jane Eyre* houveram ainda as autoras que renegaram o título de feminista por medo da opressão de uma sociedade meramente de costumes patriarcais outras em sua autoria mesmo, muitas de nossas escritoras intelectuais recusaram o título de feministas.

Algumas escritoras tiveram obras publicadas mais só houve o real valor literário das mesmas algum tempo após suas publicações, como o romance *Úrsula* (1859) da autora Maria Firmina dos Reis, o que predominavam nas obras eram uma voz de denúncia a opressão vivida pela mulher no campo político, social e cultural de uma sociedade patriarcal que tinha o ser mulher como figura de submissão ao homem não podendo se igualar ou até se sobressair nas práticas destinadas ao homem.

Historicamente o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras – primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco de classe média alta, por tanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. (ZOLIM, 2005, p.275).

No âmbito da cultura letrada à aquisição dos elementos principais que são a linguagem, a escrita e a literatura estão meramente relacionados ao poder, uma vez que eram práticas de total domínio do homem, detentor do poder social desde das civilizações antiga até os presentes dias, acarretou o ofuscamento durante muito tempo das obras literárias feminista, por consequência da influência que a literatura tem do pensamento crítico do público intelectual destinado tal obra.

Pode-se perceber nitidamente a lacuna existente da inclusão da figura feminina no Cânone literário, não por falta de boas autorias mais sim como já afirma Zolin (2005), por questões sociais e acima de tudo culturais, muitas obras só conseguiram serem intituladas de cânones literários bastante tempo depois de sua publicação pois o mesmo acarreta um jogo de poder.

O que se pode constatar a respeito do tema mulher e literatura é que foi uma grande batalha desde os movimentos para a inclusão da mesma na autoria literária até o reconhecimento atual que se tem hoje no campo literário.

A escrita literária tem uma grande função política, social e ideológica, principalmente, nos séculos que antecedem a contemporaneidade, assim, o grande problema enfrentado pelas mulheres para a inclusão e reconhecimento no campo literário, tendo em vista que a sociedade ainda vivia sobre o reflexo da família patriarcal onde as mulheres eram tidas apenas como genitoras, esposas e dona do lar.

A cultura letrada era de acesso apenas para os homens, uma vez que a literatura refletia dada circunstâncias histórica, política e social no discorrer da obra, o que terá total influência sobre os pensamentos do público leitor.

No Brasil, a crítica literária feminista surgiu em meados dos anos 1980, mais só mais tarde passou a ser estudada de uma forma mais científica em universidades, com a criação da Associação Nacional dos Pós-Graduados e Pesquisas em Letras e Linguística (Anpool) que integra o GT de Mulher e Literatura, os primeiros escritos de autoria feminista no Brasil se enquadraram nas correntes anglo-americana e a francesa, predominando entre os demais aspectos a ótica feminina, sócio-histórico da sociedade da época marcada ainda pelo modo de uma sociedade colônia.

A pioneira em abordar uma literatura feminista no Brasil foi a republicana e abolicionista Nísia Floresta Brasileira Augusta (Pseudônimo) de Dionísia Gonçalves Pinto com sua primeira obra *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, obras de uma abordagem totalmente feminista, escreveu, também, poemas lutando por direitos dos índios e escravo, mais tarde surgiram novas vozes que perpetuaram na academia chegando a se enquadrarem no cânone literário.

3 NÍSIA FLORESTA: A PIONEIRA DO FEMINISMO NO BRASIL

Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu em 12 de outubro de 1810, no município de Papari no estado do Rio Grande do Norte, filha de pais burgueses, viveu em vários estados e até fora do país, casou-se por duas vezes, teve uma filha do seu segundo marido, Manoel Augusto de Faria Rocha, foi a pioneira na crítica literária feminista do Brasil, sua primeira obra foi *Direitos das mulheres e injustiça dos Homens*, que falava sobre as insatisfações das mulheres do seu tempo no Brasil, inspirada como a mesma já afirmava que era uma tradução livre do livro de Mary Woolstonecrafts (1759-1797) essa obra foi apenas a primeira de várias outras que viria.

Opúsculos Humanitário, Conselhos a minha filha, A mulher, todas também predominando a voz defensora dos direitos das mulheres principalmente no campo intelectual,

Nísia chegou até a fundar uma escola só para mulheres no Rio de Janeiro (Colégio Augusta) acredita-se também na possibilidade de ensinar a mulheres em sua própria casa durante o período que passou no estado do Rio Grande do Sul, a educação feminina sempre foi uma das suas bandeiras de luta, questionadora das práticas acadêmicas patriarcais, lutou sempre pela classe oprimida como a mulher, índios e escravos, com tudo conseguiu muitos admiradores e também dissabores.

A origem do seu pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta foi Nísia, diminutivo do seu nome verdadeiro Dionísia, Floresta, referindo-se ao sítio onde nascera Brasileira, exaltação da pátria Brasil, pois viveu 28 anos na Europa, Augusta em homenagem ao seu segundo marido, Manoel Augusto.

Hoje em sua homenagem seu município de origem Papari passou a se chamar Nísia Floresta. Nísia faleceu em 24 de abril de 1885 em Rouen, França, só mais tarde seus restos mortais foram trasladados para o Brasil e sua terra natal, atual, Nísia Floresta, RN. Segundo Constância Lima Duarte (2001)

Nísia escreveu inúmeras crônicas, poemas e ensaios, que ignorados pelo cânone historiográfico brasileiro, deixaram uma lacuna que, preenchida, permitiria a compreensão do processo evolutivo por que se passou a mulher no século XIX para a conquista de um espaço no cenário da literatura brasileira. (RAMALHO, 2005, p. 55)

Já enfatizado no tópico anterior a exclusão da mulher no século XIX pelo cânone literário, ocasionou o ofuscamento de várias autoras feministas, por questões sociais políticas e ideológicas. Nísia ainda é pouco estudada na academia, permanecendo ainda excluída do cânone literário brasileiro, com tudo, o que se percebe é a predominância de um cânone marcado por práticas antigas, pois Nísia foi uma autora de grande importância por ter lutado em uma época onde tudo era dicotômico as suas ideias de luta, foi uma voz altamente importante principalmente para a literatura feminista do Brasil.

3-A ÓTICA INDIANISTA DE NÍSIA FLORESTA E O SEU NACIONALISMO EXPRESSO NO POEMA “A LÁGRIMA DE UM CAETÉ”

O infeliz Caeté, apesar de ter chegado a esta corte no mês de fevereiro, logo depois da revolta dos Rebeldes em Pernambuco, é somente agora que lhe permitiram aparecer, e isto depois de o terem feito passar por mil torturas inquisitoriais!... (Avant-Propos, A lágrima de um Caeté)

O Caeté citado no Avant-Propos, abertura do poema esta relacionado ao poema em si , uma vez que o mesmo foi perseguido até o momento tardio de sua publicação como já mencionado em itens anteriores ,por fazer críticas a conjuntura política e social da época e ainda revelar uma face oculta dos índios injustiçados pelas práticas do sistema colonial ao que passava o país .

Em uma sociedade que refletia um regime escravocrata, e colônia ,as classes mais prejudicadas foram os índios ,mulheres escravos, Nísia escreveu um poema de grande importância abordando uma nova visão indígena e expressando o seu nacionalismo, pois mesmo vivendo boa parte de sua vida no exterior nunca renegou seu amor pela pátria Brasil.

O poema este intitulado “*A lágrima de um Caeté*” inscrito em 1849, logo após a (Revolução Praieira) no estado de Pernambuco, o que acredita-se ter sido a motivação do mesmo, foi colocado a margem pela crítica e depois reeditado e analisado por Constância Lima Duarte.

O poema sofreu várias perseguição por fazer críticas a política e tratar de questões a favor dos índios ,sendo publicado só algum tempo depois de ter sido escrito , publicado no Rio de Janeiro em 1849,sob o pseudônimo de Telesila, no *Jornal do Comércio* de 25 de maio de1849.

Os índios Caetés inspiração da obra indianista de Floresta foram um povo indígena brasileiro de língua tupi guarani, que habitaram o litoral do Brasil entre a ilha de Itamaracá e o rio São Francisco no século XVI, sua população eram de aproximadamente 75000 habitantes ,hoje encontram-se extintos.

Aliaram-se aos comerciantes franceses no contrabando do pau brasil consequentemente tornando-se inimigos dos portugueses ,os caetés eram conhecidos dentre tantas características por sua valentia e comedores de carne humana , não aceitaram pacificamente a ocupação de suas terras pelos portugueses e ganharam destaque por comerem o bispo Dom Pero Fernandes Sardinha.

Em contra partida ao contrabando do pau brasil o donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho, resolveu acabar com a pratica do contrabando o que veio à aumentar as desavenças entre portugueses e índios. Com a causa da morte do bispo e outros portugueses ,gerou uma grande perseguição aos Caetés ,e condenados por uma bula papal que

condenavam todos os caetés e seus descendentes a escravidão outros foram cruelmente assassinados e alguns se evadiram para terras distantes do litoral .[‡]

Nísia ao criar o poema aborda o sentimento vitimado dos índios por terem sido cruelmente corrompidos por invasores que aqui chegaram, alguns expulsos outros assassinados pelos portugueses, ao contrário dos poemas indianistas de Gonçalves Dias e José de Alencar que perpassa uma visão de um índio que está a todo tempo em confronto com os portugueses, sem a valorização do seu eu ferido e também invadido por diversos fatores. O nacionalismo da autora está evidente em seu poema pois ela faz críticas ao processo de colonização, e principalmente a revolução praieira fato que motivou a escrita do poema.

A lágrima de um Caeté é um poema longo, com 712 versos, e de grande variação métrica e estrófica, predominando sobre tudo decassílabos (quase sempre brancos) e redondilhas maiores e menores, com rima ou sem rima, fugindo do estilo característico dos poetas romancistas Castro Alves e José de Alencar que também escreveram sobre índios e escravos, fugindo da tradicional estética romântica .

Segundo Duarte (2001), Nísia teve uma intenção épico romântico-realista, pelas características estética, nessa primeira estrofe, em versos decassílabos, assemelhando-se às aberturas dos poemas épicos de herança camoniana, o que confirma sua intencionalidade épica, na descrição do índio como, espírito depressivo, honesto, vingativo, um índio sensibilizado pelas situação política que ceifaram sua cultura indígena nos espaços colonizados, restando a eles a opção de fuga para o interior do país, ao contrário de José e Castro que em seus escritos abordavam um índio de força e bravura sem igual, sem que fosse visto seu eu interior. Observando a I estrofe do poema, objeto desta análise,

ESTROFE I

Lá quando no ocidente o sol havia
Seus raios mergulhados , e a noite triste
Denso ebânico véu já começava
Vagaroso a estender por sobre a terra;
Pelas margens do fresco **Beberibe**,
Em seus mais melancólicos lugares,
Azados para a dor de quem se apraz
Sobre a dor meditar que a Pátria enluta!
Vagava solitário um vulto homem,
De quando em quando ao céu levando os olhos
Sobre a terra depois triste os volvendo. (FLORESTA, Nísia ,1849).

A lágrima de um Caeté, redimensionou o mito do bom selvagem, conferindo-lhe uma roupagem mais humana e realista. A primeira estrofe, em versos decassílabos, assemelhando-se às aberturas dos poemas épicos de herança camoniana, revela a intencionalidade épica.

RAMALHO, Cristina. *Um indianismo transgressor Nísia Floresta*. In.: **Elas escrevem o Épico**. Florianópolis: ed. mulheres, 2005, p.55-67.

Nessa estrofe I, podemos perceber claramente a ideia citada a cima por Duarte (2001ano?) , a melancolia do eu lírico, no caso o sentimento do índio, o Caeté vaga as margens do rio Beberibe e relembra sua vida , antes de serem excomungados de seu local de origem. E suas características estéticas semelhantes aos poemas camonianos.

ESTROFE VII

Era um Caeté, que vagava
Na terra que Deus lhe deu,
Onde Pátria, esposa e filhos
Ele embalde defendeu! (,FLORESTA,Nísia ,1849).

Lamentos pela perda de suas terras, de seu povo de seus costumes, e de lutas que se tornaram em vão.Uma abordagem do índio enquanto ser social ,derrotados pelos seus colonizadores, um mix de sentimentos melancólicos , ao contrario de outras abordagens indígenas, em que o índio era tido como sinônimo de bravura e luta constante .Está estrofe revela claramente o indianismo transgressor da autora, dando uma nova visão do ser índio,

ESTROFE LXIX

Caiu o Chefe imortal
Dos bravos Pernambucanos!
Debandados estes foram;
Sorriam-se os tiranos!
Mas seu riso é convulsivo,
Anuncia horrível siso!.. (,FLORESTA,Nísia ,1849)..

Na estrofe retrata a morte do herói, líder, Nunes Machado, imortal para as classes defendidas por ele, a final não fugiu da luta em prol de melhorias para as mesmas. Como afirma Constância Lima Duarte (2001,p.63). Assim como nos poemas camonianos Nunes predomina no poema de Nísia como o herói dos Caetés.Mais uma característica que confirma a intencionalidade épica da autora no poema.

Escreva mais pelo menos 5 linhas, pois Nas estrofes , **LXXXV, LXXXVI, LXXXVII, LXXXVIII**, temos a repetição da seguinte frase: “-*Não chores, ó Caeté, o Amigo teu!*”. Essa frase, faz referência novamente ao defensor dos índios Caetés Nunes Machado.

A repetição dessa frase nas quatro estrofes seguidas, mostra o sentimento nacionalista da autora, onde ela mais uma vez, enfatiza a importância de Nunes Machado ,que morreu em luta pela sua pátria, e aos que ficaram restavam o conformismo pela bravura do líder .

A conclusão do poema funde um herói consagrado pela história ao novo herói que a poesia realista de Nísia constrói .O Caeté despede-se do Beberibe e parte em direção ao rio Goiana, em busca de sobrevivência. No entanto, a lembrança de

Nunes Machado[§], como modelo de atuação heroica, ganha epicidade quando vozes” do céu” garantem a imortalidade do herói praieiro:(RAMALHO, 2005, p. 65)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, foi desenvolvida uma análise, bibliográfica do poema *A lágrima de um Caeté*, da autora Nísia Floresta. Logo, a pesquisa intitulada *Nísia Floresta: a voz transgressora da mulher na literatura brasileira do século XIX e o seu nacionalismo expresso na obra “ A lágrima de um Caeté”*. Apresentou um estudo feito com base no perfil transgressor da autora e seus ideais políticos e sociais defendidos em suas obras em especial, *A lágrima de um Caeté*,

A importância da pesquisa está presente em sua temática, que traz a luz das discussões, da importância da autora Floresta para a crítica literária feminina do Brasil e de sua obra, *A lágrima de um Caeté*, para a sociedade do século XIX.

No primeiro tópico, podemos observar a luta pela inclusão das mulheres na cultura letrada e na escrita literária umas das bandeiras de luta de Floresta, de início, elas escreviam em pseudônimos, a exemplo da obra em questão que Nísia publicou sobre o pseudônimo de Telesyla, e o não reconhecimento da importância das mesmas pelo cânone literário brasileiro.

No segundo tópico, fizemos um aponto geral da biografia da autora Nísia, o que só vem a confirmar sua importância para sua época, embora tenha vivido boa parte de sua vida fora do país ,seu nacionalismo brasileiro estava nítido em algumas de suas obras ,principalmente no poema trabalhado *A lágrima de um Caeté”*.

No terceiro e, último momento, apresentamos alguns trechos da obra, *A lágrima de um Caeté*, apontando a ótica indianista diferenciada dos demais autores indianistas e nacionalistas de sua época .

Concluimos que as estratégias narrativas, tais como a instituição do foco narrativo, a configuração das personagens, os espaços e os trabalhos com a linguagem, são aspectos bem cuidados pela escritora para abordar sua intenção épica na criação da obra.

[§] Joaquim Nunes Machado era o deputado que mais se destacava na câmara dos deputados em 1848 durante o Império, membro do partido da praia ou ‘‘ou Praieiro’’, Joaquim não concordava com a luta armada para resolver problemas políticos ,viveu um tempo no Rio de Janeiro , e declarou que por enquanto não voltara a sua terra com receios de ser morto .Mais depois acabou voltando para Pernambuco e de fato fora morto, defendia mudanças no país para a melhoria dos que penavam com o desemprego a fome e as injustiças que assolava o Império.[artigodigital] Joaquim_Nunes_Machado_um_corajoso reformista. disponível em:<www.blogs.diariodepernambuco.com.br> acessado em 16 de maio de 2018 às 20h e 12min.

Com tudo podemos perceber que foi através da literatura que Nísia Floresta se expressou, seja por pseudônimo ou em sua própria autoria, o que só vem a confirmar o poder das palavras.

Com a publicação do poema, *A lágrima de um Caeté*, da escritora multifacetada Nísia Floresta, podemos observar, nitidamente, o seu perfil nacionalista com uma ótica diferenciada dos de mais escritores nacionalistas, Nísia ao falar do personagem *Caeté* abordou um índio vulnerável diante de uma sociedade a qual fora submetido a se inserir, tristes pelas percas que vinham sofrendo, seja da família, da sua cultura do seu verdadeiro EU. O que se pode perceber é uma nova ótica dada as classes marginalizadas, que só foi possível graças a autoria feminina de Floresta.

“Era da natureza um filho altivo,
Tão simples como ela, nela achando
Toda a sua riqueza, o seu bem todo..
O bravo, destemido, o grão selvagem,
O Brasileiro era...um Caeté! (FLORESTA,Nísia ,1849).

Por tanto, na obra de Nísia predomina uma literatura que objetiva, atingir um grande público leitor, podemos perceber sua voz de crítica e denuncia, com o intuito de explanar suas ideias de lutas, abolicionistas e nacionalistas. No entanto, podemos perceber que o cânone literário brasileiro ainda peca muito pelo não reconhecimento das obras de Floresta como canônicas da literatura brasileira.

Nísia, não foi só a primeira feminista do Brasil e sim da America latina, mesmo vivendo bastante tempo fora do país, nunca escondeu sua nacionalidade brasileira, isto fica evidente ao assinar suas obras sobre o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta.

O poema *A lágrima de um Caeté*, foi uma das grandes obras da autora por descrever tão, especificamente, o que sofreram os índios, mulheres e escravos que viviam no Brasil no final do Brasil colônia e após a Revolução Praieira, inspiração para a escrita da referente obra, por isso sofreu várias perseguições por parte do Estado.

A *Lágrima de um Caeté*, embasado em uma perspectiva histórica, possui uma abordagem indianista, capaz de comover o leitor com suas abordagens densas e firmes, acerca dos conflitos vivenciados pelos índios, na busca pela vida, liberdade e ideais. O viver é colocado no texto como o maior bem e concebe à ideia de travar uma luta pela sobrevivência, a todo custo. Porém, é uma luta desigual, capaz de transtornar o índio, que zela pela existência, com todas as suas forças.

RESUMEN

La literatura a lo largo de los siglos, posibilita, el rescate de lo cotidiano de la humanidad, dentro de un determinado contexto temporal y, al mismo tiempo, espacial, que proporcionó al lector una diversidad de conocimientos, principios e ideologías defendidos por las personas al galgar una dirección de valores sociales y culturales existentes en la sociedad. En la gran mayoría de las obras de Nísia Floresta, percibimos su ideal social e ideológico en defensa de las clases oprimidas de su época, la clase femenina, indios y esclavos. El poema *La Lágrima de un Caeté* fue una de sus obras que más se destacó en Brasil (1849), así, el objeto de análisis de ese artículo de Conclusión de Curso, sin embargo no se puede negar a las sumas de las demás obras, con una visión especialmente para la inclusión de las mujeres en la cultura letrada. Este estudio se caracteriza como una investigación de cuño literario / analítico y bibliográfica, subsidiada sobre las teorías Scott (2008), Zolin (2005), Ramalho (2003) y Reis (2003). El análisis nos muestra que *La Lágrima de un Caeté*, basada en una perspectiva histórica, tiene un enfoque indianista, capaz de conmover al lector con sus enfoques densos y firmes, acerca de los conflictos vivenciados por los indios, en la búsqueda de la vida, la libertad y los ideales. El vivir es colocado en el texto como el mayor bien y concibe a la idea de frenar una lucha por la supervivencia, a toda costa. Pero es una lucha desigual, capaz de trastornar al indio, que vela por la existencia, con todas sus fuerzas.

Palabras clave: Nísia Bosque. Indianista. Clase femenina.

REFERÊNCIAS

- SCOTT, Joan. **Histórias das mulheres**. São Paulo, mercado das letras, 2008, p.63-95.
- REIS, Roberto. **Cânon**. 2003, p.65-95.
- RAMALHO, Cristina. **Elas escrevem o Épico**. *Um indianismo transgressor, Nísia Floresta*, Florianópolis: Ed. mulheres, 2005, p.55-67.
- A LÁGRIMA DE UM CAETÉ** (Nísia Floresta, 1849). UFPB/CCLHA/DLCV-LITERATURA BRASILEIRA II-2011.2., Rafael Francisco Braz.
- ZOLIM, Lúcia Osana. **Teoria Literária** ; capítulo 11; **Crítica Feminista**, p.180-203 e Capítulo 18; **Literatura de autoria feminina**, p.275-283.
- PEREIRA, Waldemar Valença. [artigo digital], **“A lágrima de um Caeté” de Nísia Floresta, como corpus sensível e possível para o 9º ano**; disponível em <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/.../WALDEMAR %20VALENÇA%20 PEREIRA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/.../WALDEMAR_%20VALENÇA%20PEREIRA.pdf)>. acessado última vez em 18 de abril de 2018 às 13h e 50min.
- DUARTE, Constância Lima. [artigo digital] **Revendo o indianismo brasileiro: A lágrima de um Caeté, de Nísia Floresta**, disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index...> acessado em: 3 de abril de 2018 às 11h e 30 min.
- LIMA, Stílio Toquato; [artigo digital] **O indianismo e o problema da identidade nacional em “A lágrima de um Caeté” de Nísia Floresta**, disponível

em<www.ucs.br/etc/revistas/index.php/.....> acessado última vez em: 18 de abril de 2018 às 20h e 6min.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert[artigo digital] **Crítica feminista**; disponível em:www.ebooks.pucrs.br/edipucrs... acessado em: 22 de março de 2018

FLORESTA, Análise _Ficha; [artigo digital] **A lágrima de um Caeté**, pdf, < www.uol.pdf. Análise _Ficha_Floresta> acessado em: 28 de março de 2018 às 13h e 43min.